

A MOCIDADE DE TRAJANO: A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO PRECONCEITO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Rosana de Oliveira Prado dos Santos¹
Alexandra Santos Pinheiro²

Resumo: Este artigo tem como centro da discussão pressupor que a obra "A Mocidade de Trajano", de Visconde de Taunay, constrói uma representação da violência e do preconceito racial no Brasil no século XIX, tocando em temas como a escravidão e o sofrimento do negro nas fazendas brasileiras. O Visconde de Taunay, através desta narrativa romântica, permiti-nos visualizar um intenso diálogo entre a Ficção e a História representada na Literatura Brasileira. No romance, o autor aborda o regime de trabalho escravo nas grandes fazendas e o sofrimento e o preconceito, tanto em relação ao negro quanto à mulher afrodescendente. Tendo em vista que os Estudos Culturais tem por objetivo compreender a cultura em sua complexidade e analisar o contexto político e social, que é o lugar onde se manifesta a cultura, entende-se que a presente obra contribui, através da representação do papel histórico-literário, ao focar uma etapa particular do desenvolvimento social e político brasileiro, bem como de várias rupturas pelas quais estava passando o Brasil no século XIX. Este trabalho, portanto, propõe uma análise, especialmente, acerca dos aspectos da representação da violência e do preconceito, bem como das práticas culturais do período.

Palavras-chave: Representação; Escravidão; Violência; Preconceito.

Abstract: *This article has as center of the discussion to estimate that the workmanship "A Mocidade de Trajano" of Visconde de Taunay constructs a representation of the violence and the racial preconception in Brazil in century XIX, touching in subjects as the slavery and the black people's suffering in the brazilian farms. Visconde de Taunay through this romantic narrative, allow-in them to visualize an intense dialogue between the Fiction and the History represented in Brazilian Literature. In the novel, the author approaches the regimen of enslaved work in the great farms; the suffering and the preconception, as much in relation to the black people, how much to the woman African descent. In view of that the Cultural Studies have for objective to understand the culture in all its complexity and to analyze the context social politician and who is the manifest place where if the culture, is understood that the present workmanship contributes through the representation of the description-literary paper when focus a particular stage of the social development and Brazilian politician, as well as, of some ruptures in which was passing Brazil in century XIX. This work, therefore, considers an analysis, especially, concerning the aspects of the representation of the violence and the preconception, as well as of practical the cultural ones of the period.*

Keywords: *Representation; Slavery; Violence; Preconception.*

¹ Mestranda do Programa de Literatura e Práticas Culturais na UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista CAPES. Email: miss_roseprado@hotmail.com.

² Doutora. Docente da UFGD. Email: alexandrapinheiro@ufgd.edu.br.

1. Introdução

Os estudos culturais, em suas diferentes formas de representação, entre elas, a literatura, contribuem para se compreender, principalmente, o comportamento dos indivíduos e suas construções coletivas, visto que a sociedade é composta por múltiplas e complexas realidades. Nesse processo, os grupos constroem sua identidade e elaboram sentidos baseados no mundo em que se encontram inseridos. Dessa forma, olhar para os fatos do século XIX a partir da representação literária, no caso, *A Mocidade de Trajano*, de Visconde de Taunay, é contribuir para o estímulo e o desenvolvimento dos estudos histórico-literários, pois, a nosso ver, a obra contém depoimentos que representam a sociedade e os costumes de uma época no Brasil.

Alfredo de d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, nasceu em uma família aristocrática de origem francesa no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843 e faleceu também no Rio de Janeiro em 25 de janeiro de 1899. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criando a Cadeira nº 13, que tem como patrono Francisco Otaviano. Engenheiro militar, professor, político, historiador, sociólogo, romancista e memorialista, filho de Félix Emilio Taunay, o Barão de Taunay (um dos preceptores de D. Pedro II), e de Gabriela de Robert d'Escragnolle, seu avô, o famoso pintor Nicolau Antônio Taunay, foi um dos chefes da Missão Artística Francesa de 1818.

Publicado em 1871, sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte, *A Mocidade de Trajano* foi o primeiro romance de Visconde de Taunay. O livro permaneceu por um período de 113 anos sem contar com uma nova edição. Talvez, por causa disso, tenha sido uma das obras menos conhecida do autor e tão pouco estudada dentre os seus textos ficcionais. Foi reimpresso apenas uma vez, em 1984, pela Academia Paulista de Letras, que nele reconheceu um precioso documentário dos costumes, durante a segunda metade do século XIX, no interior do Estado de São Paulo.

A ação romanesca passa-se na região localizada entre Jundiá e Campinas, no estado de São Paulo, entre 1852 e 1869, período da história brasileira em que ocorrem, entre outros fatos, questões políticas e sociais; discussões sobre a escravidão; o surgimento das primeiras propostas de

colonização baseadas na imigração estrangeira, as quais foram defendidas por Taunay durante toda a sua trajetória política; ideias anti-religiosas são também enfatizadas na escrita do autor. Com base em *Memórias*, acredita-se que o material para o romance teria sido colhido durante dois meses de 1865, por ocasião da permanência das forças expedicionárias em Campinas, às quais estava integrado o romancista, na condição de engenheiro militar. Para Ernani da Silva Bruno (1984, p. 7), essa foi uma obra na qual Taunay se arriscou a patentear ideias de livre pensador e trabalhou também os costumes políticos e as práticas de devoção. Segundo Neves e Ourique (2010, p. 02), Visconde de Taunay foi consagrado pela crítica como sendo um dos maiores escritores brasileiros no século XIX (período este de transição do Romantismo para o Realismo), tendo em vista que sempre foi mencionado nas principais obras de história de literatura brasileira. Na obra *A Mocidade de Trajano*, o autor trabalha a representação de uma época em que o Brasil passava por várias transformações no âmbito social, político e também literário.

No que tange à "representação" em termos conceituais, a palavra vem do latim e é um termo recheado de significados sendo, portanto, de grande relevância para o desenvolvimento dos Estudos Culturais e Literários. De acordo com o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, representação é conceituada como "conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento".

Roger Chartier³ (1990), conceituando a representação em sua obra *História Cultural: entre práticas e Representações*, afirma que os historiadores nas décadas de 1950 e 1960 acreditavam que o saber inerente à história devia sobressair à narrativa, enfatizando ainda que o mundo da narrativa era o mundo da ficção, do imaginário, da fábula. Ele esclarece também que o papel das representações na História Cultural é importante para "[...] identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990 p.17). Embora a afirmação de Chartier seja relativa à sua pesquisa acerca da História do livro e

³ Roger Chartier é historiador, diretor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris e professor especializado em história das práticas culturais e história da leitura. É um dos mais conhecidos historiadores da atualidade com obras publicadas em vários países do mundo.

da leitura, ela contribui para compreendermos a obra literária, nesse caso a de Taunay, de forma a possibilitar a (re)leitura do Brasil colonial. Para Roger Chartier, o próprio ato de "representar" é uma prática social e as práticas sociais não podem ser compreendidas sem as mediações simbólicas que constroem o mundo como representação por sujeitos e coletividades.

Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objetivo a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das *representações do mundo social*, na qual os atores que dela fazem parte possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p.16. Itálico nosso).

De acordo com o teórico, não se constrói a "realidade social" em dado lugar e momento, nem é possível que ela seja pensada e dada a ler a não ser a partir de elementos socialmente disponíveis. Portanto, no que se refere à vida social, pode-se tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e refleti-las enquanto análise. A historiadora Sandra Pesavento (1995), que trabalha a relação entre História e Literatura, aborda que, embora haja diferentes objetivos na construção da identidade, tanto a História quanto a Literatura apresentam o mundo social como "representação" e preceitua:

A ficção não seria o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa. (PESAVENTO, 1995, p.117).

Desta forma, ela entende que a partir deste conceito de representação é possível incluímos a Literatura como uma fonte histórica. Segundo esta linha de pensamento, entende-se que o texto literário pode servir como uma "representação" que retrata a sociedade de uma época por meio do seu contexto: a descrição dos personagens, a forma como os mesmos se comportam e, por fim, a estrutura em que o enredo é construído. Ramos (2010) afirma que tanto a Literatura como a História refletem a memória, a lembrança

daquilo que foi, recordando o passado através de uma narração verossímil, construída com a ajuda da imaginação, servindo a uma releitura das questões do presente. Para ele, a Literatura admite e valoriza seu aspecto físico, reivindicando o poder da imaginação na interação entre passado e presente.

É importante observar que um dos pontos relevantes na escrita de Taunay dá-se pelo fato da vivência do escritor dentro do período em que escreveu suas obras, ou seja, embora ele tenha separado os fatos de sua vivência pessoal da sua obra ficcional, foi por meio do conhecimento vivido e dos lugares por onde andou que ele buscou retratar uma literatura fidedigna em relação ao mundo narrado em suas ficções. No tocante a isto, destaca-se:

[o] é necessário ressaltar que, em literatura, o conhecimento do real e a descrição pautada no real não bastam para considerá-la como superior a uma literatura criada pelo viés da imaginação. O que dizer da literatura fantástica, por exemplo, ela é inferior ao romance histórico? O que dizer de Mário de Andrade, estudioso de gabinete, como se refere Taunay à Alencar, que compôs a partir de seus estudos uma literatura capaz de dialogar e representar todo um imaginário cultural do interior do Brasil? (NEVES; OURIQUE, 2010, p. 5).

Em *Tempo e Narrativa*, Paul Ricoeur busca os traços da experiência humana no interior da narrativa, seja ela historiográfica ou ficcional. Para ele a chave para o entendimento da função narrativa está no caráter temporal da experiência humana:

O mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal [...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal. (RICOEUR, 1994, p.15).

Antonio Candido, por sua vez, traça uma fronteira entre a invenção e a realidade, que para ele em literatura são muito tênues quando afirma que "deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um vínculo eficaz de personagem, a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca" (Candido, 1970, p. 69). Para o

crítico, a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada de acordo com a concepção do escritor, bem como com sua estética ou possibilidades criadoras. Ressalta ainda que a declaração de um criador a respeito de sua própria criação é ilusória. Candido entende que todas as personagens no final das contas são inventadas e que a ilusão do escritor de estar criando algo com base na realidade pode conduzi-lo a criar algo inventado, isto é, ao criar o escritor chega a composição de uma personagem que adentra a realidade de vários leitores. Por fim, Antonio Candido considera que a estrutura do romance como um todo é que vai delimitar o verossímil:

O que julgamos inverossímil, segundo padrões da vida corrente, é, na verdade, incoerente, em face da estrutura do livro. Se nos capacitarmos disto – graças à análise literária – veremos que, embora o vínculo com a vida, o desejo de representar o real, seja a chave mestra da eficácia dum romance, a condição do seu pleno funcionamento, e portanto do funcionamento das personagens, depende dum critério estético de organização interna. Se esta *funciona*, aceitaremos inclusive o que é inverossímil em face das concepções correntes (CANDIDO, 1970, p. 77).

Sendo Taunay um "homem de pouca fantasia e muito senso de observação", conforme descrito por Bosi (2006, p. 145), foi capaz de enquadrar a história de Trajano Sobral em um conjunto que constrói uma representação histórico-literária através das figuras de um Brasil em transição, bem como de abordar aspectos políticos, sociais e morais, tocando em temas como: a escravidão, a colonização por meio da imigração estrangeira, o anticlericalismo, entre outros.

Gledson (1986, p. 20), ao analisar Machado de Assis, fala desse período da história brasileira como sendo anos que foram críticos, nos quais "não faltaram acontecimentos importantes: a Guerra do Paraguai, a Lei do Ventre Livre e a fundação do Partido Republicano". Segundo ele, em 1871, usando como exemplo a Lei do Ventre Livre - foi "um foco perfeito de ambigüidades e fracassos na História do Brasil, pelo menos no século XIX". De 1850 a 1888 foi um período em que se faziam presentes várias crises no contexto histórico-social no país e que houve uma tentativa de reformar o sistema social que, além de injusto e desumano, estava já ultrapassado.

Entende-se, portanto, que dentro do contexto de crise nacional em que o Brasil experimentava várias rupturas no final do século XIX, Taunay publica *A Mocidade de Trajano* e representa nesta obra, através de suas personagens, entre outros temas, o da escravidão, e permite-nos observar a violência e o preconceito a que os escravos eram submetidos durante a escravatura brasileira, conforme veremos a seguir representados na obra do autor.

2. A Violência

Como afirmado anteriormente, o sistema escravagista e a degradação do escravo, bem como a do senhor, é um dos temas que sobressaem no romance que atua em forma de denúncia e no qual Taunay sugere uma postura bastante idealista quando retrata o episódio em que mostra os senhores de escravos, vistos como homens ociosos, gastadores e extravagantes, como sabedores do valor da perda quando um escravo lhe roubava o tempo:

Numa das inspeções, Ferrugem notou que um negro abandonara o ancinho e, sentado tranqüilamente à sombra de um cafezeiro, fumava às escondidas o seu cachimbo. O africano sentia-se tão enlevado em ter furtado alguns momentos de descanso ao seu senhor que não viu o feitor avançar ao seu lado, com as faces incendidas de cólera e de chicote levantado. - Cachorro! - gritou Ferrugem. - Que fazes? Malandro, sem vergonha! (TAUNAY, 1984, p. 162).

Na sequência desse episódio, o narrador traça com detalhes o sofrimento do escravo quando descreve que, todo trêmulo, deixou cair o cachimbo, quis fugir, porém, o feitor o enlaçou com o chicote, fazendo-o urrar de dor e, facilmente derrubado, foi amarrado de pés e mãos:

O escravo, amarrado solidamente a um pé de peroba, abarcava o tronco com os braços e pernas distendidos, ficando todo enleado por cordas de embiras e cipós. Chegaram os varapaus e as pauladas começaram a chover sobre o corpo do desgraçado que, ao princípio, procurou não gritar. Gemia surdamente e torcia dolorosamente o pescoço; mas depois, vencido pela dor, prorrrompeu em exclamações: - Sr. Feitor,

não me mate! ... não me mate! Me perdoe por esta vez... por sua mãe... por seu pai me perdoe...Oh! Já gritas? - disse com voz de triunfo Ferrugem - já gritas! (TAUNAY, 1984, p. 163).

Durante o castigo, os outros negros fingiam trabalhar; olhavam para o castigado com curiosidade misturada de compaixão; outros tinham os olhos brilhantes de rancor e desespero. O escravo surrado "[...] clamava em altos berros: – Chamem!... Chamem meu senhor moço... Nhonhô... Acuda o seu negro [...]. A voz perdia-se exausta entre os cafezais. O suplício continuava..." (Taunay, 1984, p. 164). Taunay retrata, em forma de denúncia, o sofrimento humano causado pela força das chibatadas e da crueldade que se praticava com os escravos.

Outra violência, que não a física, era a violência moral praticada contra os negros escravos. Para satisfazer os caprichos de sua nova esposa, Roberto Sobral, pai do protagonista do romance, autoriza a italiana Ester que construa uma capela no lugar onde vivia pai Vicente, personagem assim descrito pelo narrador: "[...] o velho, habitualmente curvado, endireitara o corpo, e, apoiado em nodoso e comprido bastão [...] à luz do sol o seu cabelo branquejava, como algodão acamado" (TAUNAY, 1984, p. 200). Trata-se, então, de um idoso que vivia na mesma cabana por dezenas de anos e que por causa da obstinação de Ester era tratado como se nada fosse:

Mas sou escravo e nem sequer posso morrer no canto em que já me haviam dado! Palavra de branco voltou atrás... – Ora negro! – exclamou Ester com irritação – veja lá se dá para filósofo! Bem feliz que eu não te mande pôr aqui para fora a vergalho!... A dona não pode fazer isto, porque não sou seu escravo. Minha senhora já morreu. Meu senhor velho... [...] Ester empalideceu como se fosse ter uma síncope. – Que dizes insolente? – balbuciou ela, tomada de intensa raiva. – Que dizes, miserável? E com uma chicotada chegou o seu fofoso cavalo tão para perto de Vicente, que este quase foi pisado. – Repete o que disseste, cão! – Repete, infame! – exclamou ela brandindo o chicotinho sobre a cabeça do velho. – Já disse! – replicou o negro com calma. – Não sou seu escravo! Quatro ou cinco lambadas impediram-lhe a palavra e o fizeram recuar violentamente. – Está dando no preto velho – gritou o africano [...] Ester não se conteve. Chicoteando o animal de encontro ao negro, atirou-o por terra e passou por cima de seu corpo. Uma

das patas do cavalo magoou a perna de Vicente, que soltou agudos clamores de dor (TAUNAY, 1984, p. 200, 201).

De acordo com a historiadora Emilia Viotti da Costa (1982, p. 281), “[...] era raro ver um fazendeiro ser levado aos tribunais por praticar violência contra os seus escravos”. Os crimes de violência e preconceito contra os negros, em geral, ocorriam no interior das senzalas ou nas roças das fazendas e nem sempre chegavam ao conhecimento do público. Todavia, com a agitação abolicionista, mais tarde, passou a acontecer uma fiscalização mais rigorosa por parte da justiça.

3. O Preconceito

O preconceito é um juízo preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória que se baseia nos conhecimentos surgidos em determinado momento como se revelassem verdades sobre pessoas ou lugares determinados. O termo costuma indicar desconhecimento pejorativo de alguém ao que lhe é diferente e é sabido que a forma mais comum de preconceito, dentre outras, é o preconceito racial.

Podemos entender que Visconde de Taunay expressa sua indignação contra o preconceito que os negros enfrentavam no Brasil quando, através do seu caráter abolicionista, manifesta-se no discurso do narrador: “supunha-os felizes pelo fato único de terem saúde robusta e senhores humanos, pois nunca pensaram nas aspirações que essas criaturas pudessem ter pela liberdade colocando-se acima do boi de arado ou do cavalo de tiro” (TAUNAY, 1984, p. 25).

No romance, ele constrói uma representação do preconceito contra a mulher afrodescendente no século XIX - período escravocrata - estereotipado nas personagens Ana e Ursula. A mulher negra, diferentemente da mulher branca, era identificada apenas como "um objeto" ou como "um animal" perante os senhores de escravos. Amélia, mãe do protagonista Trajano Sobral, mulher de saúde debilitada, embora considerada uma mulher com palavras de

meiguice, não deixava de ser a esposa do fazendeiro e, apesar de ser incapaz de maltratar os seus escravos, reservava, contudo, a discriminação e o conceito vigentes na sociedade da época, conforme explicitado na personagem Ana:

Tratava bem a seus escravos, para ela, tão pura, tão justiceira, nada mais era do que um preceito de moral. A filha, a neta de fazendeiros chegava até a invejar deles uma coisa - a vitalidade - como a invejava *da árvore, do cão ou do gato. Achava que eles nada mais podiam desejar como a árvore, o cão, o gato a quem se dá o trato e alimento para ter o fruto, a casa vigiada ou estar livre dos ratos.* - Ana - perguntou ela um dia a uma sua cria - trocarias a tua saúde por alguma coisa deste mundo? - Ó minha senhora, dava a minha vida para poder ser forra uma semana! - Pois falta-te aqui alguma coisa? - observou Amélia meio irritada. - Nada, Nhanhã, nada - respondeu confusa a escrava. - Então, por que dizeis isto? A pardinha, quase chorando, retorquiu a custo:- Não sei... - e acrescentou: - Foi sem pensar. Amélia todo o resto da semana ficou enfadada com esta rapariga, que ousava pedir a Deus favores tão extraordinários e para cuja aquisição não havia nascido (TAUNAY, 1984, p. 25, grifo nosso).

As escravas não tinham direito à educação como tinham muitas ilustres e ricas damas da sociedade. De acordo com Caio Prado Júnior (1981, p. 234), elas eram consideradas: "um subproduto da escravidão". E aquele foi um período em que elas serviam apenas para os serviços domésticos, bem como o trabalho forçado nos cafezais e também para as necessidades sexuais dos seus senhores.

Refletindo acerca das ações de Amélia Trajano, mãe do protagonista, observamos que ela via a sua criada meramente como "uma árvore", assemelhando-a ao "cão ou gato", isto é, o estereótipo da mulher considerada tão somente como um objeto, uma coisa, um animal. Bastava tratar bem e dar comida. A sociedade da época não via os escravos como seres humanos, mas como verdadeiros animais. Quando Ana expressa seu sonho, seu ardente desejo pela alforria, por uma vida livre, Amélia passa o resto da semana enfadada pela pobre moça sequer ousar pedir a Deus favores tão extraordinários e "para cuja aquisição não havia nascido" (TAUNAY, 1984, p. 25).

A mesma discriminação se faz presente na personagem da escrava Ursula, ao demonstrar o quanto a mulher negra era tida como um objeto e sem valor reconhecido:

As mulheres, sobretudo, essas negras, me amofinam dia e noite com seu relaxamento e preguiça. Isto era dito em voz alta, com tom ameaçador, enquanto algumas crioulas passavam com medo pelo quarto e iam, na ponta dos pés guardar e arranjar uns objetos dentro de um armário. - Só no dia em que começar deveras o chicote a lafal - continuou Roberto com violência - é que as coisas entrarão em seus eixos. [...] Queres ver a que ponto chega aqui o desleixo? - Ursula! - gritou ele de repente, Úrsula! Uma mulher amulatada e já de certa idade, apresentou-se assustada. - Senhor? - As camisas dos pretos estão já prontas? - Estão, sim, senhor. - Tu mentes, negra, tu mentes. Olha, traz cosidas, já! Ursula desapareceu e demorou-se. [...] Novos gritos do senhor a trouxeram ao quarto. Vinha com umas vinte camisas prontas. Sobral levantou-se rugindo: - E as outras? E as outras, canalha, infame. - Seus olhos faiscavam. - Raça indigna, criação inacreditável de Deus! Ergueu então a mão e fê-la cair pesada na cara da escrava, que nem se mexeu. Cerrou, porém, a fisionomia e ficou horrível. - Vai, desgraçada e depressa. Tua cara me mete nojo. Ursula apanhou com ligeireza as camisas que se haviam espalhado pelo chão e afastou-se (TAUNAY, 1984, p. 45-46).

Visconde de Taunay retrata com detalhes o sofrimento da escrava, suas angústias e o desvalor perante os senhores da Casa Grande. Ursula nada mais é do que a representação de centenas e milhares de mulheres afrodescendentes que, durante a escravidão no século XIX, geraram caladas, esbofeteadas, violentadas e à mercê de um sistema que aprisionava não somente sua liberdade física, mas, sobretudo, seus sonhos, sua autoestima e seus desejos. Mulheres negras que refletiam a dor e o sofrimento causados por seus algozes. Mulheres, que após trabalhar o dia todo, serviam suas amas como se "de ferro fossem feitas", cantarolando e fazendo-as adormecer.

Desta forma, os fragmentos trazidos para este artigo, portanto, exemplificam como Taunay representou no romance de Trajano o quadro de violência e de preconceito vigentes na sociedade do século XIX.

5. Considerações Finais

Diante do exposto, entendemos que Visconde de Taunay constrói uma representação da violência e do preconceito vivido pelos negros no período do Brasil escravocrata, descrevendo em seu romance fatos, processos e detalhes históricos que podem ser observados não somente pelas datas que marcam o começo e o fim da obra, mas também em toda a trajetória de sua narrativa. O discurso usado pelo autor que evidencia a violência e o preconceito contra os escravos denota que o escravo era como um simples objeto de uso dos seus senhores.

Desta forma, entendemos, à luz de uma bibliografia teórica dedicada ao assunto, que *A Mocidade de Trajano* é um romance que apresenta o comportamento dos senhores de escravos que coisificavam os afrodescendentes presos à condição escrava no Brasil, sujeitos à humilhação e a cruéis castigos de seus donos. A história do escravismo brasileiro, tão bem representada no romance de Taunay, retrata o sentimento abolicionista tão presente na vida do autor, em cuja obra parece aflorar cada representação como forma de denúncia contra os maus tratos recebidos pelos negros nas grandes fazendas do Brasil no século XIX.

6. Referências

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

BRUNO, E. S. Um livro de interesse literário e documental (Prefácio). In: TAUNAY, Visconde de. *A Mocidade de Trajano*. 2a. ed. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1984.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP. 1975.

_____. *A Personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CHARTIER, R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1990.

COSTA, E. V. *Da Senzala à Colônia*. [s.l.]; Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1982.

GLEDSON, J. *Machado de Assis: Ficção e História*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARETTI, L. L. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

NEVES, F. L. S.; OURIQUE, J. L. P. A Força do Nacionalismo nas Leituras críticas da Literatura Brasileira do Século XIX: o caso de José de Alencar e do Visconde de Taunay. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: A Literatura Brasileira: História e Ideologia*, v. 01, n. 15, Jan./Jun. 2010. Versão On-line. Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num15/art_06.php. Acesso em: 12 out. 2010.

PESAVENTO, S. J. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n 04, dez. 1995. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6158/3652>. Acesso em: 04 dez. 2010.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

RAMOS, F. P. *História, Narrativa e Linguagem: uma filosofia da história*. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blospot.com/2010/09/historia-narrativa-e-linguagens-uma.html>. Acesso em: 04 dez.2010.

RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. Campinas/SP: Papyrus, 1994. (Tomo I).

TAUNAY, A. E. *A Mocidade de Trajano*. São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1984. (V. 13).

_____. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].